

**FACULDADE ASSIS GURGACZ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
LUIS LEONARDO PASQUAL DANILISZYN**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: PROPOSTA DE UMA OSTERIA PARA A
CIDADE DE CASCAVEL-PR**

**CASCAVEL
2017**

LUIS LEONARDO PASQUAL DANILISZYN

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: PROPOSTA DE UMA OSTERIA PARA A
CIDADE DE CASCAVEL-PR**

Projeto de pesquisa desenvolvido no Programa de Iniciação Científica Voluntária – PIC-V, no Grupo de Pesquisa Projetos de arquitetura no contexto urbano - PARQ, na Linha de Pesquisa Arquitetura e Urbanismo. Refere-se à pesquisa do Trabalho de Curso e vinculado à disciplina TC Qualificação, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Assis Gurgacz - CAUFAG – Cascavel – Paraná.

Orientador: Profº Arqº: Cássia Rafaela Brum Souza

**CASCAVEL
2017**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
1.1 ASSUNTO	4
1.2 TEMA	4
1.3 JUSTIFICATIVAS	5
1.4 PROBLEMA	5
1.5 HIPÓTESE	6
1.6 OBJETIVOS	6
1.7 MARCO TEÓRICO	7
1.8 METODOLOGIA	7
 2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETONICOS	 8
2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS	8
2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS.....	12
2.3 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO	15
 3 REFERÊNCIAS	 8

1 INTRODUÇÃO

A história dos restaurantes é antiga. Acredita-se que em Roma havia tavernas que eram tipicamente europeias e serviam comidas e bebidas aos visitantes. O restaurante no começo era algo de comer, segundo Rebeca L. Spang (2000), no livro *A Invenção do Restaurante*. Dentre os diversos tipos de restaurantes podemos citar as osterias. O termo osteria, deriva do latim *hospite*, hospede em português, que como o nome diz, zela pela tranquilidade. A característica principal das osterias pelo contexto histórico na Roma antiga, localizava-se em ruas de comércio, que neste caso eram estradas, praças e mercados, logo tornou-se também local de encontro para as reuniões e as relações sociais. Os locais, muitas vezes eram pobres e humildes, assumindo a importância de acordo com o lugar onde estavam. Esses lugares surgiram como espaços de restauração.

Atualmente, a osteria é um local com poucas mesas, causando a sensação de exclusividade. Local onde deve haver harmonia entre o espaço construído e o conceito de habitar, bem como estar em paz num lugar protegido. ” “O teórico introduz a antiga noção romana do *genius loci*, isto é, a ideia do espírito de um determinado lugar (que estabelece um elo com o sagrado), que cria um “outro” ou um oposto com o qual a humanidade deve defrontar a fim de habitar. ” (NESBITT, 2006)

1.1 ASSUNTO

O assunto abordado está na área de restaurantes.

1.2 TEMA

O tema abordado, dentro do assunto de restaurantes está inserido no grupo de pesquisa Projetos de arquitetura no contexto urbano – PARQ, é a implantação de uma osteria em Cascavel-Pr, tendo como prioridade o conhecimento da arquitetura e usando sua máxima em fenomenologia do lugar, a qual provoca sensações nos usuários, não somente pela gastronomia, mas também que implique diretamente no bem-estar e na comodidade, trazendo dessa maneira um novo conceito arquitetônico para a cidade.

1.3 JUSTIFICATIVAS

Atualmente verifica-se no município de Cascavel-Pr a necessidade de um novo conceito gastronômico para a cidade. Devido ao crescimento populacional e o interesse dessa população em novas experiências no âmbito da gastronomia, observa-se que a cidade comporta um projeto como o proposto. Espaço este que venha de encontro com às expectativas daqueles que o frequentarão, despertando um amplo interesse dos usuários.

SÓCIO-CULTURAL

Justifica-se a pesquisa no aspecto sócio-cultural pois, através do desenvolvimento do projeto do restaurante como o pretendido, oportuniza-se a convivência e troca de experiências multiprofissionais.

ACADÊMICO-CIENTÍFICA

No meio acadêmico o estudo e pesquisa da arquitetura e urbanismo, tanto quanto o conhecimento interdisciplinar, traz condições de avaliar as expectativas quanto aos desafios da profissão de arquiteto e urbanista bem como fundamentar futuras pesquisas.

PROFISSIONAL

A justificativa profissional para a presente pesquisa é a de que, por tratar-se de um projeto arquitetônico e gastronômico, oportunizará que profissionais da área da arquitetura e urbanismo, bem como profissões correlatas, possuam referencial técnico para futuros projetos desse interesse.

1.4 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Segundo Steven Holl (2012): “A arquitetura tem o poder de inspirar e transformar nossa existência do dia-a-dia. O ato cotidiano de agarrar uma maçaneta de uma porta e abri-la a um campo banhado de luz pode se converter num ato profundo se o experimentamos com uma consciência sensibilizada. Ver e sentir estas qualidades físicas significa tornar-se o sujeito dos sentidos”. Dessa forma, na tentativa de explorar todos os sentidos humanos associados a imensidão de sentimentos trazidos pela arquitetura, o presente estudo busca responder se é aceitável e satisfatória a criação de um espaço conceito gastronômico, na tentativa de explorar todos os sentidos humanos associados a imensidão de sentimentos trazidos pela arquitetura, capaz de descrever as sensações que um lugar nos propõe através de uma forma construída?

1.5 FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE

A proposta para o projeto de osteria, é desenvolver uma edificação a qual possa através de sua arquitetura, transmitir a sensação de bem-estar para todas as pessoas que frequentarão o espaço, na cidade de Cascavel-Pr, e que poderão também degustar e apreciar uma culinária exclusiva, trazendo dessa forma, um novo conceito de restaurante para a região.

1.6 OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

O objetivo do presente trabalho é de propor um restaurante na cidade de Cascavel-Pr, o qual provoque as sensações dos usuários, não somente pela gastronomia, mas também que implique diretamente no bem-estar de quem for usar do lugar.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Desenvolver pesquisas bibliográficas relativas ao tema;
2. Realizar estudos com obras correlatas e referenciais sobre restaurantes;
3. Conhecer, tanto quanto aplicar medidas para o funcionamento de um restaurante;
4. Identificar o público alvo;
5. Criar um programa de necessidades adequado;
6. Desenvolver o projeto de uma osteria, utilizando a arquitetura como meio de divulgação de cultura.

1.7 MARCO TEÓRICO

“O espaço interior, o espaço que, não pode ser representado perfeitamente em nenhuma forma, que não pode ser conhecido e vivido, a não ser por experiência direta, é o protagonista do fato arquitetônico.” (ZEVI, 1996, pg. 14)

1.8 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

A metodologia adotada dar-se-á por percurso metodológico, partindo da formulação de um conjunto de questões fundamentais para o conhecimento, entendimento e interpretação sensorial dos espaços construídos, tendo em vista uma análise de informações e posicionamento de tais em relação à arquitetura, através de referências bibliográficas. Conforme Lakatos e Marconi (2003), a revisão bibliográfica se dá na avaliação de determinada situação que, quando

na formulação do problema, não se tem pleno conhecimento da situação analisada, razão pela qual se utiliza de informações proporcionadas por pesquisas iguais ou semelhantes, que já tenham ocorrido anteriormente. A busca por tais fontes, documentais ou bibliográficas, faz-se necessária com intuito de evitar ocorrência de duplicidade de esforços em torno do mesmo objeto, de modo a não ocorrer resultado idêntico ao anteriormente definido por outra pesquisa.

2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS

2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS

2.1.1 Pré-História

No início da pré-história, os primitivos eram encontrados em lugares provenientes da natureza como as cavernas e rochas. Com o passar do tempo, houve um desenvolvimento na agricultura, e eles começam a construir seus próprios abrigos (GLANCEY, 2007).

Com o fim do período neolítico, deram-se início as construções em pedras, entretanto, elas tinham como função apenas a de servir como templos ou capelas mortuárias (DIAS, 2005).

2.1.2. Arquitetura Egípcia

Na Arquitetura Egípcia, os templos eram uma das principais construções da época. Possuíam decoração baseada na paisagem e no cotidiano, os acessos a estes edifícios eram feitos por avenidas ladeadas por esfinges. Essas esfinges eram representadas por estátuas com corpo de animal e cabeça humana (GLANCEY, 2007).

2.1.3. Arquitetura Grega

A Arquitetura Grega é caracterizada pela utilização da simetria, repetição, ordem, ritmo e modulação. Esse estilo arquitetônico configura a ordem dos elementos segundo os princípios de proporção, com o objetivo de se atingir um todo harmonioso, buscando um ideal de beleza, para isso, é utilizado o uso da lei do segundo áureo, a qual as dimensões numéricas são retiradas do corpo humano (GLANCEY, 2007).

2.1.4. Arquitetura Bizantina, Românica e Gótica

As principais características da Arquitetura Bizantina foram a planta de eixo central, ou planta de cruz grega e as cúpulas. A planta de eixo central era coberta por cúpulas, conseguindo-se assim fechar ambientes quadrados com base circular, sem a intervenção de colunas e paredes. Destacaram-se na construção de basílicas, como a de Istambul, Santa Sofia (GLANCEY, 2007).

No que dizem respeito à arquitetura românica, as edificações eram fechadas, sólidas, maciças, severas e baseavam-se em linhas horizontais. Esse estilo surgiu a partir do uso de características da cultura de Roma. Destacaram-se na construção das igrejas e mosteiros, como a Catedral Durhan na Inglaterra (GLANCEY, 2007).

O estilo gótico se distinguiu pelo uso das paredes altíssimas, assim como pela distribuição de luz nos ambientes, pelos vitrais de mosaicos coloridos. Essas mudanças foram realizadas pela materialização de outras duas inovações góticas: o arco em ponta, que era responsável pelo aumento da verticalidade das edificações, e a abóbada cruzada, que permitia a cobertura de diversas formas (GLANCEY, 2007).

2.1.5. Arquitetura Renascentista

A arquitetura Renascentista é baseada na opinião de que o homem é a medida de todas as coisas, ressurgindo assim, às formas e proporções da antiguidade greco-romana (GLANCEY, 2007).

A busca pela perfeição de beleza, o arranjo ordenado dos elementos, o uso de esferas nos edifícios, os arcos de volta perfeita, o uso das formas da natureza, a utilização das perspectivas são os principais elementos desta arquitetura. Villa Rotonda, concebida por Andrea Palladio, é um exemplo de residência renascentista (GYMPEL 2001).

2.1.6. Arquitetura Barroca

O barroco, mais que um modo artístico, era um modo de vida. Intensamente católico, o estilo barroco foi utilizado como demonstração de expressão no movimento da Contra-Reforma (GYMPEL, 2001).

Segundo Gypmel (2001) a arquitetura monumental e o exagero na decoração foram símbolos desse estilo. Fachadas feitas com mármore e gesso e o emprego da tri dimensão com planos côncavos e convexos são encontrados em diversas obras desse período.

A Arquitetura Barroca é identificada pelo uso de curvas e pelo exagero de elementos decorativos como conchas, laços, flores e folhagens, porém delicados. As paredes tornam-se mais claras, as cúpulas multiplicam-se, as guarnições ganham cores douradas e as janelas possuem formas ovais, que serviam para anular a rigidez das paredes.

2.1.7. Arquitetura Brasileira

A arquitetura do Brasil, ampliada conforme o passar dos séculos, teve início desde sua colonização. Ela é toda fundamentada pelas distintas comunidades que formam o Brasil e pelos vários estilos arquitetônicos herdados do exterior.

- **Arquitetura indígena:** Segundo Weimer (2005), manifestou-se com o início da colonização Brasileira. As ocas tiveram grande relevância nesse estilo, nelas abrigavam-se várias famílias e eram construídas a partir de materiais provenientes do local, como a madeira e folhas de palmeira. As amarrações eram feitas com cipó, elas ligavam a estrutura e a cobertura. O conjunto de ocas era denominado de aldeias, divididas em formas circulares, elípticas, semi-elípticas, retangulares e poligonais.
- **Arquitetura de Defesa:** Também conhecida pelos fortes. Na época, a Colônia brasileira estava sendo almejada pelos europeus, por isso houve-se a necessidade de proteção. As plantas e elevações dessas obras eram resolvidas em formas de estrelas regulares ou irregulares, poligonais e circulares, na qual, ajudariam na utilização de técnicas de artilharia. (TIRAPELLI, 2006).
- **Arquitetura Rural:** Esse período foi caracterizado pelas fábricas e as senzalas que buscando a funcionalidade sem nada de estético. Elas eram constituídas utilizando-se de técnicas construtivas feitas de terra, taipa de pilão, pau-a-pique ou adobe, sendo todas elas feitas com coberturas de palha e cerâmica tosca. As paredes possuíam cor branca e as esquadrias eram coloridas (TIRAPELLI, 2006).
- **Arquitetura Religiosa:** com as manifestações missionárias dos jesuítas houve um aumento de construções religiosas. Foram igrejas, conventos, colégios, capelas, seminários, entre outras obras, apresentavam fachadas marcadas pela sobriedade, abóbodas de madeira, talhas de santos, retábulos dourados e pinturas (TIRAPELLI, 2006).
- **Arquitetura Civil:** As obras mais requintadas desse período foram as casas de câmara, as residências dos governadores e bispos e as casas-grandes das famílias que obtinham uma melhor posição na sociedade. (FILHO, 2002).

Roberto Segre (2004) relaciona a arquitetura mundial, conduzindo ao contexto nacional, cita a influência do Movimento Moderno e de alguns dos arquitetos que foram e são referências para a arquitetura brasileira. Aponta que a criação de Brasília e o início da ditadura militar estabeleceram uma 'restrição' na evolução da arquitetura no Brasil. E que hoje, independentemente das críticas e da dúvida, existe sim um desenvolvimento arquitetônico e urbanístico brasileiro. Na integração atual das tendências estilísticas, na arquitetura e no urbanismo, não existem correntes dominantes, mas um discurso múltiplo, composto e universal.

2.1.8. Arquitetura Moderna

A Arquitetura Moderna procura a “liberdade”, surge como uma idealização da nova sociedade, estabelecida por pessoas que tendem a um novo modelo de disciplina estética e novas relações sociais, onde as desigualdades foram ultrapassadas pelo uso da razão.

Ainda segundo Gympel (2001), os grandes arquitetos que marcam estilo são Le Corbusier, na França e Frank Lloyd Wright nos EUA. As obras se qualificam por exibirem linhas retas e perpendiculares, não há ornamentação e nem cor, a fachada é marcada pela função, de maneira racional. A Unidade de Habitação de Marselha, projetada por Le Corbusier, é um modelo desta arquitetura.

O despertar da arquitetura moderna no Brasil acontece com o trabalho do arquiteto russo Gregori Warchavchik em São Paulo, no final da década de 1920 [...] nesta mesma época, a Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro vivia uma ebulição cultural: um período que o jovem Lúcio Costa dirigiu a escola foi de grande importância para o nascimento do novo ideário arquitetônico no Brasil. Poucos anos mais tarde, Lúcio Costa seria convidado pelo ministro Gustavo Capanema para elaborar o projeto do Novo Ministério da Educação e Saúde. Formou-se então uma equipe afinada com o pensamento da vanguarda europeia que tinha em Le Corbusier sua mais destacada personalidade. [...] conclui-se então em 1942 o projeto que ficou sendo considerado o marco zero da moderna arquitetura no Brasil, pela sua importância cultural. (COLIN, 2000, pgs. 137 e 138)

2.1.9. Arquitetura Pós-moderna

A arquitetura pós-moderna surge nos anos 60 do século XX. Ela possuía ideias e formas projetuais diferenciadas das do período moderno, buscava-se colocar personalidade na obra, com percepções e significado (GLANCEY, 2007).

Os porta vozes da arquitetura pós-modernista procedem com a arquitetura moderna da mesma forma esquemática que o modernismo, que repudiara em bloco os seus antecessores: substituíram novamente a assimetria equilibrada por uma simetria clássica, paredes aligeiradas pelas tradicionais “fachadas de aberturas”, as janelas tornaram-se outra vez mais pequenas e, em vez da ausência de ornamentação ou, na melhor das hipóteses, uma decoração que sublinha a construção do modernismo, usam-se ornamentos sobrepostos. (GYMPEL, 2001, p. 106).

2.1.10. Arquitetura Contemporânea

A Arquitetura Contemporânea corresponde depois do pós-modernismo, dos anos 80 até os dias atuais. É definida pelo reaparecimento de estilos projetuais intimamente ligados ao racionalismo e ao embasamento do Movimento Moderno, com finalidades minimalistas. Entretanto, buscam-se mais conceitos voltados ao conforto ambiental (LEONÍDIO, 2006).

Segundo Bruand (1999) a arquitetura atual não possui uma linguagem única. Ela é feita a partir de uma pluralidade e liberdade de estilos do passado, modificando-os ou não para criarem um novo conceito arquitetônico.

A história da arquitetura está inteiramente conexa à evolução humana. Com a necessidade do homem, para moradia, proteção e segurança, deu-se o ato de construir. Também, com o desenvolvimento da população, a vinculação com outras cidades, a materialização de crenças, entre outras características que fizeram a humanidade prosseguir em busca de novos materiais, ferramentas e técnicas de construção. E é desse modo que a arquitetura continua em evolução, até os dias atuais. (GYMPEL, 2001)

2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS

2.2.1. ARQUITETURA, URBANISMO E PAISAGISMO

Arquitetura provém das palavras derivadas do grego, nas quais arquiteto: *tecto*, um carpinteiro relacionado à construção de objetos; *arqui* significa superioridade. A arquitetura possui diversas perspectivas, cada uma com seus significados. Em termos profissionais quando se desempenha algo. Um produto cultural, oriundo de análise e entendimento da sociedade envolvida, resultando em um bem supremo. Também uma arte, que compreende todos os outros conceitos, definindo a importância dos conhecimentos e sensibilidade que o arquiteto é capaz de possuir para sua concepção e construção projetual. (COLIN, 2000)

A arquitetura é como uma grande escultura escavada, em cujo interior o homem penetra e caminha. (ZEVI, 1996, p. 17)

Todos os elementos que constituem a arquitetura podem ser percebidos ou experimentados. Alguns podem ser prontamente perceptíveis, enquanto outros se manifestam menos presentes aos nossos sentidos. Alguns podem dominar, enquanto outros realizam uma parte complementar na ordenação de um edifício. Alguns podem transmitir imagens e significados, quando outros servem como qualificação ou tipo de interpretação dessas mensagens. Em geral, esses elementos e sistemas compositivos do espaço construído, devem estar inter-relacionados para conceberem um todo integrado que componha uma estrutura única e harmoniosa.

A imaginação visual é um dom universal da mente humana, um dom que na pessoa mediana surge numa tenra idade. Quando as crianças começam a experimentar a configuração e a cor, elas enfrentam a tarefa de inventar um modo de representar, num dado meio, os objetivos de sua experiência. Ocasionalmente são ajudadas observando outras, mas essencialmente agem por conta própria. A riqueza das soluções originais que produzem são as mais notáveis porque seus temas são bastante elementares. (ARHEIM, 2002, p. 132)

A ordem arquitetônica é criada quando a organização dos elementos torna perceptível seu contato com cada uma delas e com a estrutura como um todo. Quando essas relações são percebidas como uma composição agradável e formal da natureza singular do todo, obtemos a existência de um conceito, o qual pode marcar mais do que as visões perceptivas momentâneas.

Conforme na linguagem, as formas e os espaços arquitetônicos também possuem significados conotativos: conteúdos relacionados e objetos simbólicos que estão submetidos à interpretação pessoal e cultural, passíveis de mudança.

[...] sobre o problema da forma na arquitetura, assunto que envolve, a meu ver, um equívoco lamentável ampliado pelo funcionalismo, utilizado pelos pequenos grupos que dele se servem até hoje. (NIEMEYER, 2005, p. 09).

Funcionalismo, uma técnica na arquitetura que busca designar uma relação entre uma função qualquer e uma forma qualquer (NETTO, 1999). Com a frase “a forma segue a função” de Louis Sullivan, direciona-se para que o tamanho, o volume, espaço e outros aspectos encontrados em uma arquitetura devem adotar o partido da funcionalidade (COLIN, 2000).

Ainda para Colin (2000), a forma arquitetônica está relacionada às artes plásticas, que vem de um conjunto de ideias, passíveis de alteração, de acordo com experiências, tempo, lugar, entre outras exigências.

Para iniciar um projeto arquitetônico, deve-se definir um lugar, bem como, o seu entorno: orientação topográfica, vizinhança, paisagismo, entre outros. Depois, dá-se início a fase de anteprojeto, a qual emprega-se o conhecimento e criatividade arquitetônica para realização do mesmo, de acordo com o programa de necessidades do cliente, assim é preciso ter uma boa expressão gráfica na elaboração de um projeto, para que outros profissionais ou leigos possam entender sua criação. (NEUFERT, 1976).

A planta de uma edificação origina-se de dentro para fora, ou seja, temos o exterior como resultante direto do interior, a composição interior cria sensações. Compreendendo tais perspectivas, o exterior torna-se um interior, pois os elementos locais tomam uma melhor proporção e qualidade material. (CORBUSIER, 2002)

Segundo Miriam Gurgel (2007), no livro “Projetando espaços, Guia da Arquitetura de Interiores para Áreas Residenciais”, interpretei que:

“A arquitetura de interiores deve criar ambientes onde a forma e a função, ou seja, a estética e a funcionalidade, convivam em perfeita harmonia e cujo projeto final seja o reflexo das aspirações de cada indivíduo”. (GURGEL, 2007, p. 23).

Em um projeto de arquitetura de interior, busca-se aproveitar o máximo dos ambientes internos do espaço construído, procurando a beleza e a harmonia entre os elementos e trazendo o conforto e a funcionalidade. Os espaços são projetados de acordo com a utilização e a necessidade que o indivíduo irá desfrutar (MANCUSO, 2002).

Com o tempo, o homem tem explorado ambientes mais confortáveis, naturais e que o identificam. Assim sendo, ambientes que idealizam ao projeto um espaço natural, conectado ao meio envolvido, se tornam o principal foco ao construir edificações. (CULLEM, 2006)

A síntese da arquitetura em paisagismo difere daquela da arquitetura e do urbanismo, resultante de matéria-prima oriunda de elementos e condicionantes da natureza: ar, água, fogo, terra, flora, fauna, tempo. Portanto trabalhando-se com esses elementos dinâmicos, não é possível nem desejável planejar ambientes geometricamente precisos e permanentes.

No paisagismo considera-se formas espontâneas, livres e inconstantes, como conjunto de um desenho caprichoso e imprevisível, convertendo-se em uma paisagem límpida e agradável perante as percepções humanas.

O paisagismo é a única expressão artística em que participam os cinco sentidos do ser humano. Enquanto a arquitetura, a pintura, a escultura e as demais artes plásticas usam e abusam apenas da visão, o paisagismo envolve também olfato, a audição, o paladar e o tato, o que proporciona uma rica vivência sensorial, ao somar as mais diversas e completas experiências perceptivas. Quanto mais um jardim consegue aguçar todos os sentidos, melhor cumpre seu papel. Mas como atuam os sentidos e como podem ser estimulados? (ABBUD, 2006, p. 15)

O Projeto Paisagístico se constitui na criação de espaços funcionais e agradáveis, relacionados ao contexto urbano em que está inserido. A produção paisagista é desenvolvida desde as culturas antigas, como os persas, egípcios até os gregos e romanos, com características próprias. A medida que na Idade Média, o valor pelo ambiente paisagístico diminuiu, no Renascimento, tal importância é retomada, sobretudo na Itália, França e Inglaterra, com amplos resultados, onde surgiram as vilas ornamentadas, jardins regulares e os irregulares. (FILHO, 2002).

Para o projeto paisagístico haverá sempre um espaço físico preexistente sobre o espaço urbano o qual receberá intervenções. Dessa forma, deve-se ter conhecimento deste lugar e a relação entre os mesmos. Saber a escala e proporções, bem como, qual diretriz estética e funcional que o projeto contemplará. Baseado nisso, fazer a modelagem espacial por meio de elementos naturais e construtivos. (ABBUD, 2006)

2.3 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO

Considerando o elemento construtivo como uma forma material de expressão sensações e capaz de elevar os níveis de percepção do usuário, temos então, como resultado, uma ordem arquitetônica, partida de uma ideia, oriunda de um conceito, o qual será estruturado um “todo coerente”, uma união entre o pensamento e o lápis. (GARCIA, 2013)

Encontrada tal união, findamos em um âmbito onde sucede algo significativo para quem o habita, chamamos isso de lugar. Algo que tenha o poder e caráter de ser memorável ao interior e exterior de quem o frequenta.

[...] Então, o que se quer dizer com a palavra “lugar”? [...]. Pensamos numa totalidade constituída de coisas concretas que possuem substancia material, forma, textura e cor. (NESBITT, 2006, pgs. 444 e 445)

Em sua totalidade, lugar é uma interpretação do conceito de habitar, como estar em paz num lugar protegido. (NESBITT, 2006)

Definindo assim, que é um fenômeno qualitativo total, que não se pode reduzir a nenhuma de suas qualidades, como as relações espaciais, sem que se perca sua natureza concreta, oriunda de um conjunto de aspectos que contribuem para elevar a qualidade poética, a qual na opinião de Heidegger, 1971, é essencial para o habitar, tais como luz, cor, materiais e texturas, que combinados, resulta em um elemento arquitetônico passível de conforto.

2.3.1 TIPOS DE CONFORTO

2.3.1.1. Conforto Ambiental

O conforto ambiental se faz cada vez mais necessário nos projetos arquitetônicos. Relacionando o ambiente construído com o homem, dando a prioridade a qualidade de vida dos usuários. Este, vem sendo utilizado de uma maneira adequada ao uso do homem, respeitando condições térmicas, de ventilação e acústica, podendo modificar o comportamento da edificação e seu contexto urbano. (LAMBERTS; DUTRA; PEREIRA, 2004)

2.3.1.2 Conforto Térmico

A atuação energética e as condições ambientais estão relacionadas entre os principais fatores levados em conta na realização de um projeto arquitetônico, sempre com a intuição de elevar os níveis de satisfação dos usuários. Para isso, faz-se necessário conhecer as condições climáticas da região em que o projeto será implantado. (LAMBERTS; DUTRA; PEREIRA, 2004)

2.3.1.3 Conforto Acústico

O uso adequado da acústica nos projetos pode minimizar a incidência de estresse do homem e, aumentar sua capacidade de desenvolvimento e concentração. Nesse caso, deve-se levar à tona a localização do terreno onde se dará o projeto, buscando evitar locais com maior intensidade de fluxo, pois são locais que tendem a ter maior incidência de ruído e assim menor conforto acústico. (LAMBERTS; DUTRA; PEREIRA, 2004)

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO

3.1. RESTAURANTES

Segundo AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA (2010), autor do dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, restaurante é um: “estabelecimento comercial onde se prepara e servem refeições”, com o objetivo de preparar e servir alimentos e bebidas, dentro do conceito que se propõe executar.

O surgimento dos restaurantes acompanha o fenômeno da urbanização, época em que o ato de alimentar-se ao longo do dia foi se tornando cada vez mais difícil de ser exercido em casa, devido às distâncias maiores entre o local de trabalho e a residência, além do tráfego intenso das cidades (MASCARENHAS, 2009).

No Brasil, em 1599, Marcos Lopes teria inaugurado o primeiro restaurante em São Paulo que atendia aos viajantes (JUNIOR, 2003). De fato, a partir da Segunda Guerra Mundial, os restaurantes apresentam novo surto de desenvolvimento. A entrada de capital externo e o crescimento interno dão origem a uma classe média ascendente, que propicia mercado para a criação de restaurantes mais sofisticados. Esse segmento pressiona os estabelecimentos, que são obrigados a se aprimorar.

Porem sabe-se que um restaurante não é apenas um lugar de refeição. O Local restaurante exerce uma função acolhedora para os mais variados interesses. Sendo assim, a apresentação do espaço físico do local é tão importante quanto a qualidade do alimento posto á mesa.

Segundo VENTURI (2003) o conceito de restaurante é bastante simples, entretanto existem várias abordagens, inclusive em relação as suas classificações e características. Todo restaurante possui um conceito, do mais simples ao mais sofisticado, pressupõe um público alvo, um ambiente, um tipo de comida, um tipo de serviço e diversos aspectos que compõe esse serviço chamado de restaurante. Criar uma atmosfera harmoniosa, faz com que as pessoas se sintam atraídas a frequentar tal espaço.

Dentro desse contexto, a osteria tem como objetivo principal transmitir a sensação que se está em um mundo diferente do cotidiano. Segundo GURGEL (2005), como a maioria dos projetos de restaurantes, bares e lanchonetes são temáticos ou possuem características arquitetônicas marcantes, busca-se oferecer um ambiente diferenciado e com personalidade, estabelecendo uma relação entre a estética e o cardápio local. Em um ambiente temático tudo, da decoração á culinária, deve transmitir a sensação do ambiente que se propõe. Ali traz essa característica de exclusividade, sendo restritas as quantidades de mesas, clientes para que as horas se ali passem devagar, local onde deve haver harmonia entre o espaço construído e o conceito de habitar, bem como estar em paz num lugar protegido.

3.1.1 NORMAS TÉCNICAS

As normas técnicas são documentos utilizados como referências para o mercado, de uso voluntário. Com eles, pode-se determinar aspectos de qualidade, desempenho, segurança, seja no produto inicial entregue ao cliente, ou no seu correto destino final.

É determinado que estabelecimentos de gênero alimentício, possua um profissional técnico, responsável pelo conteúdo apresentado em tal local. A ANVISA, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, especifica regras para que isso ocorra sem nenhum equívoco ou má manipulação do serviço, onde estabelecem que:

- É necessário treinamento regular de funcionários em relação às técnicas de higiene de devida manipulação de alimentos;

Quanto à estrutura da edificação:

- Se faz obrigatório a implantação de um reservatório de água, isento de alterações estruturais e higiênicas;

- Do piso às paredes, devem ser compostos por materiais lisos, laváveis, impermeáveis;

- Das aberturas, portas e janelas devem ser de fáceis acessos e materialidade de fácil limpeza;

- A ventilação deve ser uniforme, constante, a qual garanta a renovação de ar dentro do ambiente de trabalho;

- A NBR 9050, da Associação Brasileira de Normas Técnicas, de 2004, ditam a necessidade de acessos e circulações compreensíveis, de superfícies regulares, alertas direcionais. Forrações e desníveis devem ser evitados;

- Em específico a restaurantes e locais de fornecimentos de alimento, faz-se necessária a porcentagem de 5% do total de mesas, serem acessíveis para portadores de mobilidade reduzida, estas, devem ser distribuídas de forma integrada com todos os serviços disponíveis no local.

3.2 ARQUITETURA

Se partimos do conceito, podemos citar COLIN onde ele diz que arquitetura além de uma profissão é também um produto cultural, no qual segue o ponto de vista antropológico, estudando a formação das civilizações e sociedades anteriores e como utilizavam suas técnicas e aproveitavam o espaço. Além disso, arquitetura é considerada como arte, pois os seus valores estéticos reprimem valores utilitários. (COLIN, 2000, p.21, 22,23).

3.3 LINGUAGEM ARQUITETÔNICA

Arquitetura nada mais é do que um conjunto de elementos que leva a construção de uma obra, na qual expressará uma linguagem, sendo assim uma forma de comunicação, e que de um jeito concreto, corresponde certas necessidades do homem. (COLIN, 2000).

Enquanto não aprendermos compreender e aplicar o espaço, como elemento substancial, vamos continuar elogiando um espaço imaginado e abstrato, e não como realmente deve ser sentido, de forma concreta. Assim, continuaremos a usar adjetivos como a intuição de “desculpa”, perdendo a essência da arquitetura, para então explicar o seu substantivo: o espaço. Atingindo esse objetivo, conseguimos dar vida a um espaço e concretizar a arquitetura. (ZEVI, 1996, p. 18).

“Ao diferenciar um lugar no espaço, se converte esse ato á verdadeira origem da arquitetura.” (Kate Nesbitt,2006).

Nesse sentido, adotar uma ordem arquitetônica composta por cores, materiais e texturas de um ambiente interfere na qualidade de um projeto, pois pode interferir diretamente no objetivo do (restaurante/proposta), tanto na concepção espacial, alterando visualmente suas dimensões e formas, quanto nas sensações e nos estímulos de seus usuários, desta forma, saber optar por um conjunto compositivo harmônico é fundamental para que ele seja utilizado como ferramenta de projeto, e não simplesmente como elemento decorativo no conjunto da obra. (GURGEL, 2005).

Assim, a proposta gastronômica deve contemplar-se a ambientação desejada, de modo a transmitir harmonia a psique do usuário, definindo o que busca transmitir, de forma nítida. (LOBÔ, 1999).

3.3.1 FORMA ARQUITETÔNICA

A forma está totalmente relacionada com dois fatores, à matéria que nada mais é que a configuração obtida de um objeto individual, e o conteúdo, que é a reflexão sobre o objeto, aquilo que é possível ver, ouvir e tocar (COLIN, 2000, p.51).

Partindo disso, Colin (2000 p.52) relata a forma analisada de fora, em relação com o meio ambiente, onde é possível ver sua massa e forma volumétrica. Já em seu interior é visível à relação do edifício com a própria pessoa, distinguindo então a forma espacial. Assim podemos perceber uma divisão entre exterior e interior, criando a forma mural, que consiste nessa separação.

“As paredes de um edifício criam uma nova escala para as atividades humanas, definida pelo arquiteto, que tem grande influência sobre o que acontece no interior do edifício; aos espaços são dotadas características visando adequá-las as necessidades físicas e psicológicas dos usuários, e também dotá-lo de características poéticas” (COLIN, 2000 p.57).

3.3.2 PAISAGISMO

O paisagismo é a única expressão artística em que participam os cinco sentidos do ser humano. Enquanto a arquitetura, a pintura, a escultura e as demais artes plásticas usam e abusam apenas da visão, o paisagismo envolve também olfato, a audição, o paladar e o tato, o que proporciona uma rica vivência sensorial, ao somar as mais diversas e completas experiências perceptivas. Quanto mais um jardim consegue aguçar todos os sentidos, melhor cumpre seu papel. (ABBUD, 2006, p. 15)

Diante do exposto, percebe-se que o paisagismo pode ser concebido como ciência e arte. É ciência, por envolver o conhecimento sobre os fenômenos da realidade exterior e interior dos usuários. E arte, por se constituir numa forma de expressão que atua sobre a sensibilidade humana. Mais plenamente que outras formas artísticas, o paisagismo tem como característica da imediata captação de nossas percepções.

A beleza é a busca principal do paisagismo, como nas demais artes. Afinal todo espaço brota baseado em intenções estéticas, assim, qualquer detalhe em prol de uma paisagem, deve considerar seu entorno, tanto quanto a interação com o meio, bem sucedendo-se, torna-se essencial ao paisagismo, explicando o ambiente e manifestando sua qualidade peculiar. (ABBUD, 2006).

“Se na arquitetura já se falou tanto que a forma segue a função, em paisagismo pode-se dizer que a função é projetar boa forma. A estética é a primeira função do paisagismo e é por meio dela que se consegue atingir e emocionar o espectador” (ABBUD, 2006. Pag.33).

3.3.3 ERGONOMIA E CONFORTO

Segundo Iida (2005) a ergonomia é um estudo da adaptação do homem em relação ao seu trabalho, onde, nesse está incluso o trabalho industrializado dentro do processo produtivo, como também as mais variadas relações entre o homem e uma atividade proveitosa. Não incluindo somente o ambiente físico, mas também os elementos organizacionais. A ergonomia abrange atividades realizadas anteriormente da realização do trabalho, como planejamento e projeto do mesmo, aquelas de controle e avaliação, que ocorrem durante e após esse trabalho.

Para quem é dedicado a Ergonomia, o restaurante mostra-se como plano amplo para pesquisa. Em questão de desafio, arquitetos que confeccionam tal ambiente devem atender a essas exigências sem prejudicar os padrões ergonômicos que preservam a saúde do usuário. (IIDA,1993).

“O excesso de calor, ritmo acelerado de trabalho, atividades repetitivas e equipamentos de grande porte, são alguns dos fatores que podem gerar agravos à saúde dos profissionais que atuam nestes locais” (IIDA,1993).

3.3.4 AS CORES

Para Eva Heller (2013), autora do livro *A Psicologia das Cores – Como as cores afetam a emoção e a razão*, as cores são capazes de produzir vários efeitos nas pessoas, atuando e agindo de um modo particular, conforme a ocasião. O contexto em que a impressão causada pela cor se define é variável, por exemplo, a cor em uma peça de roupa, é apreciada diferentemente da cor em uma arte.

É inimaginável a arquitetura sem cor. Para o produto final de um projeto sempre haverá uma cor, mesmo quando atua como elemento principal, as cores não perdem sua essência estrutural. A cor determina o vínculo dos volumes na arquitetura, estabelecendo uma relação peculiar entre o interior e exterior. Assim, mesmo despercebidos, vivemos a cerca de uma atmosfera de cores, estabelecendo assim uma relação com elas muito intensa e intuitiva.

As cores incentivam os sentidos e impulsionam o relaxamento, as atividades regulares, o divertimento e até o movimento. Elas induzem a atenção e evidenciam ou ocultam impressões arquitetônicas. Proporção de ambiente, altura de pé direito, pilares indesejáveis ou vigas aparentes podem ser problemas minimizados. (GOURGEL, 2007).

“Durante o mesmo dia, as cores são vistas e sentidas diferentemente, dependendo da sua tonalidade e da quantidade incidida em sua superfície.” (GOURGEL,2007).

As cores alcançam funções como, por exemplo, influenciar o estado de espírito das pessoas, atuando em nossa mente e em nossa condição física, provocando-nos de diferentes maneiras. Logo, a escolha de uma delas deve ser sensata a fim de atingir satisfatoriamente os objetivos desejados. Quando se escolhe uma determinada cor, cria-se uma atmosfera que influencia as pessoas que posteriormente irão usufruir daquele espaço.

“As cores criam a atmosfera e as texturas e estampas ajudam a definir o estilo de um ambiente.” (GOURGEL, 2007).

O uso das cores pode criar atmosferas, alterando visualmente as proporções dos ambientes, tornando um espaço grande e escuro em um meio aconchegante, com o uso das cores quentes, por exemplo. Cria-se um ambiente dinâmico com o uso das cores primárias, e tantas outras atmosferas, resultando em vários pontos de interesse por parte do usuário, em um projeto arquitetônico.

3.3.5 ILUMINAÇÃO

O ambiente sempre que possível, deverá possuir iluminação natural, quando optar pela luz artificial, esta deverá ser o mais equivalente possível à natural, com organização e intensidade suficiente para afirmar uma apresentação de pratos, técnicas e do espaço construído, a fim de proporcionar conforto visual satisfatório.

Um ponto a ser considerado é o qual a luz não ilumina por si só, ela sujeita-se de superfícies que a reflitam e a transmitam, afim de estende-la pelos ambientes.

Portanto a luz natural estabelecida pelo sol, é fundamental afim de proporcionar um ambiente mais agradável, além de providenciar uma economia ao estabelecimento, interessando a todos ainda, uma forma inteligente de conscientização. (GURGEL, 2005).

“A arquitetura tem o poder de inspirar e transformar nossa existência do dia-a-dia. O ato cotidiano de agarrar uma maçaneta de uma porta e abri-la a um campo banhado de luz pode se converter num ato profundo se o experimentamos com uma consciência sensibilizada. Ver e sentir estas qualidades físicas significa tornar-se o sujeito dos sentidos.” (HOLL, Steven, 2011)

De modo infeliz, alguns projetos arquitetônicos possuem muito pouca ou nenhuma luz natural. Enquanto possível, busque a luz do sol para dentro dos ambientes, explore-a ao máximo. (GURGEL, 2005).

4 OBRAS CORRELATAS

4.1 RESTAURANTE KAA

Com paisagismo inspirado em um cenário contraposto á realidade in loco, tem como principal elemento arquitetônico, o Restaurante KAA, localizado em São Paulo, uma enorme parede verde percorrida ao longo de sua extensão. Proposta para remeter o local á origem primitiva da cidade, a Mata Atlântica, compondo com o cenário proposto pelo arquiteto Arthur Casas, autor do projeto, uma obra simples, porém, conceitual ao contexto atual. O arquiteto explica que condicionado à ideia de criar um espaço lúdico, optou pela escolha de materiais brasileiros primitivos como a palha, e objetos que fazem referência à cultura indígena.

Figura 01: Restaurante KAA



Fonte: <http://kaarestaurante.com.br> (acessado em 20/05/2017).

A intenção do arquiteto, era de compor um ambiente de longa permanência, para isso, a composição de um pé direito duplo, integração com o meio natural, através de uma enorme parede verde e um infinito espelho d'água, trouxeram ritmo e conforto lumínico ao local, o qual obtém-se através da intensa iluminação natural obtida de sua cobertura, como mostra as figuras 02 e 03 abaixo:

Figura 02: Restaurante KAA



Fonte: <http://kaarestaurante.com.br> (acessado em 20/05/2017).

Figura 03: Restaurante KAA

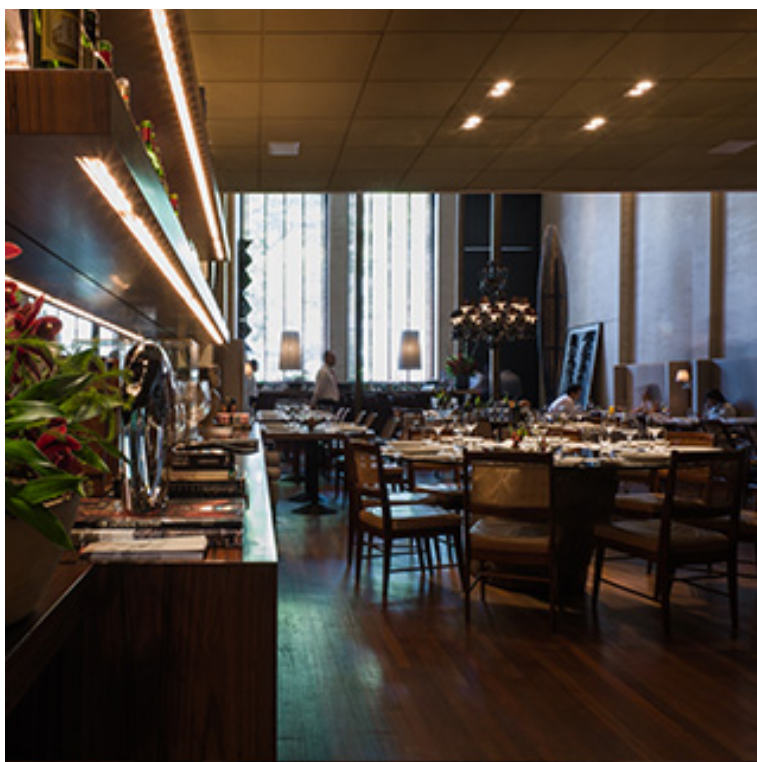


Fonte: <http://kaarestaurante.com.br> (acessado em 20/05/2017).

4.2 D.O.M. GASTRONOMIA BRASILEIRA

Em um endereço discreto na rua Barão de Capanema, nos Jardins, em São Paulo, o D.O.M. tem uma ambientação que se destaca pelo equilíbrio harmonioso entre o clássico e o moderno, o conhecido e o selvagem. O número restrito de clientes atendidos diariamente e sua área reservada para eventos atestam o compromisso de oferecer o máximo em conforto e exclusividade.

Figura 04: D.O.M. Gastronomia Brasileira



Fonte: <http://domrestaurante.com.br/pt-br/home.html> (acessado em 20/05/2017).

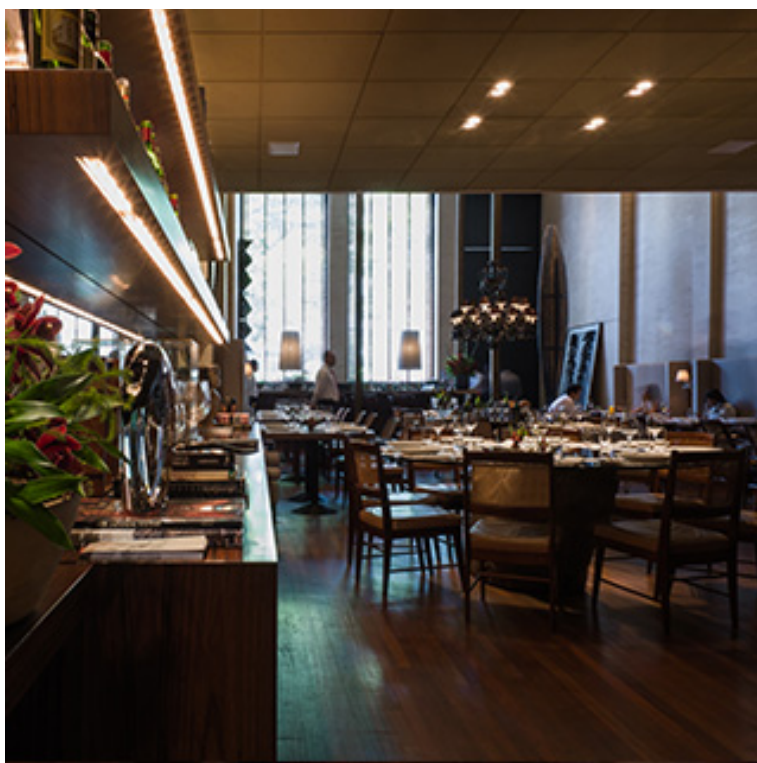
No D.O.M. Gastronomia Brasileira, a intenção plástica difere-se do restaurante tratado acima, apesar de ambos fazerem uma alusão às raízes brasileiras, no D.O.M., não é possível a interação com o meio externo, é uma experiência única e exclusiva, vinda do interior do restaurante para/com o usuário. A proposta de uma gastronomia inteiramente brasileira, une-se aos materiais ali utilizados, sendo eles a madeira, peças inusitadas, remetendo à cultura indígena, como uma canoa posta à entrada do restaurante, à produtos manufaturados como vasos e cestos. Cores neutras e composição sucinta, atendendo perfeitamente ao conforto visual de quem o frequenta.

Figura 05: D.O.M. Gastronomia Brasileira



Fonte: <http://domrestaurante.com.br/pt-br/home.html> (acessado em 20/05/2017).

Figura 06: D.O.M. Gastronomia Brasileira



Fonte: <http://domrestaurante.com.br/pt-br/home.html> (acessado em 20/05/2017).

4.3 ALINEA RESTAURANT

Em 2005, a proposta era somente quebrar a barreira de simplesmente ir a um restaurante, diante de um olhar minimalista e moderno, o Alinea Restaurant logo atingiu o ápice da cultura gastronômica, elevando a cozinha e o ato de jantar á uma experiência particular, em Chicago, nos Estados Unidos.

Jantar ali, não é apenas uma experiência deliciosa, mas também é divertida, emocional e provocativa, Como o próprio dono e Chef Grant Achatz diz, “Alinea não é um restaurante, ao menos, não no senso convencional”.

Figura 07: Alinea Restaurant



Fonte: <http://alinearestaurant.com> (acessado em 20/05/2017).

“We continue to push ourselves and our patrons to rethink what a restaurant can be.” (ACHATZ, Grant, 2015)

Como a frase de Grant Achatz (2015) evidencia, em tradução livre, a tarefa de continuar repensando no que um restaurante pode ser, Grant, apoia-se na síntese da palavra Alinea, a qual remete a iniciar uma nova linha de pensamento, com isso, o design do restaurante é uma justaposição intencional de uma arquitetura clássica e técnicas modernas, procurando ser sofisticado.

Figura 08: Alinea Restaurant



Fonte: <http://alinearestaurant.com> (acessado em 20/05/2017).

Figura 09: Alinea Restaurant



Fonte: <http://alinearestaurant.com> (acessado em 20/05/2017).

5 DIRETRIZES PROJETUAIS

5.1 CASCAVEL

A cidade jovem e promissora, foi povoada a partir de 1910, formada por colonos e caboclos oriundos de outros locais, que em 1928, a habitação na cidade de Cascavel tornou-se ampla e diversificada. Hoje, com aproximadamente 320 mil habitantes, destaca-se por sua grande influência universitária no Estado, polo médico, agricultura e demais serviços.

Figura 10: Localização da cidade



Fonte: Google

Figura 11: Vista aérea da cidade



Fonte: Google

5.2 TERRENO

A localização de um imóvel é tão importante quanto a satisfação de um projeto arquitetônico finalizado para o cliente, deve obedecer às exigências consideradas para o local desejado através do estatuto da cidade e município, sendo assim, deve ser implantado em uma zona comercial, apta a receber tal imóvel, caso contrário, o proprietário terá problemas podendo até ser obrigado a fechar as portas. (MARICATO, 2001).

Com 4.114,13 m² o terreno escolhido localiza-se na Avenida Brasil, principal via da cidade, fazendo esquina com a Rua Pio XII e, Rio Grande do Sul. Assim, a proposta de uma osteria para a cidade, é projetada em boa localização buscando atender as necessidades da população e chamar a atenção de futuros usuários. No mapa de zoneamento da cidade, o terreno se localiza na zona ZEA 1 – CENTRO 2, tendo o uso e ocupação do solo, definidos na imagem:

Figura 12: Consulta Prévia

INSCRIÇÃO IMOBILIÁRIA		NÚMERO DA CONSULTA			DATA	
105760400		21686/2015			16/06/2015	
PARÂMETROS DE USO E OCUPAÇÃO						
-	Zona	Área (%)	Área (m²)	TO. Máx. (%)	TP. Min. (%)	
	ZEA 1 - Centro 2	100.00	4114.1301	70 (*12)	30 (*3) (*11)	
-	Zona	R. Fron. Min. (m)	C.A. Min.	C.A. Bas	C.A. Máx.	Atividades Permitidas
	ZEA 1 - Centro 2	3 (*5)	0,3 (*1)	5	7 (*2)	(II) - [NR5, NR6, R2, R3, R1, NR1, NR2]
-	Zona	Altura Máx. (m)	R. Lat/Fun.Min. (h/x)	Quota Min./Eco. (m²)	Quota Min./Res. (m²)	
	ZEA 1 - Centro 2	- (*4)	h/20 (*6)	- (*8)	- (*8) (*21)	

Fonte: <http://geocascavel.cascavel.pr.gov.br:10080/geo-view/faces/sistema/geo.xhtml> (acessado em 20/05/2017).

6 REFERÊNCIAS

- ABBUD, Benedito. Criando Paisagens – Guia de trabalho em arquitetura paisagística. Editora Senac, São Paulo, 2006.
- ABNT NBR 9.050/2004 Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.
- ANVISA. Cartilha sobre boas práticas para serviços de alimentação. Resolução-RDC no 216/2004.
- ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual – Uma psicologia da visão criadora. Pioneira Thomson Learning, São Paulo, 2002.
- COLIN, Silvio. Uma introdução à arquitetura. Rio de Janeiro: Uapê, 2000.
- CORBUSIER, Le. Por uma arquitetura – 6 ed. – São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CULLEN, Gordon. Paisagem urbana. São Paulo: 2006.
- DIAS, Solange Irene Smolarek. História da Arquitetura. Cascavel, 2005.
- DIAS, Solange Irene Smolarek. História da Arquitetura da antiguidade ao renascimento. Cascavel, 2009.
- FILHO, Augusto de Lira. Paisagismo - Princípios Básicos. Minas Gerais, 2002.
- GARCIA, Jorge Raul. Construir como Projeto – Uma introdução á materialidade arquitetônica. +4 Editora. Porto Alegre, 2013.
- GLANCEY, Jonathan. A História da Arquitetura. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- GURGEL, Miriam. Projetando Espaços, Guia da Arquitetura de Interiores para Áreas Residenciais. Sao Paulo, 2007, p. 23.
- IIDA I. Ergonomia Projeto e Produção. 2a edição revisada e ampliada. Editora EDGARD BLÜCHER, 2005.
- JUNIOR, R.L. Atendimento ao cliente em restaurante *Casual Dining* T.G.I. Friday's. São Paulo, 2003.
- LAMBERTS, R.; DUTRA, L. ; PEREIRA, F. Eficiência energética na arquitetura. São Paulo: PW, 2004.

LOBÔ, Alexandre. Manual de estrutura e organização do restaurante comercial / Alexandre Lobô. – São Paulo: Editora Atheneu, 1999.

MANCUSO, C. Arquitetura de interiores e decoração; A arte de viver bem. 4 ed.- Porto Alegre, 2002.

MARICATO, P. Como Montar e Administrar Bares e Restaurantes. São Paulo: SENAC, 2001.

MASCARENHAS, J. A historia do surgimento de restaurantes. 2009.

NIEMEYER, Oscar. A forma na arquitetura. Editora Revan. Rio de Janeiro, 2005.

NESBITT, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura; Antologia teórica. Coleção Face Norte. São Paulo, 2006

NEUFERT, Erneste. Arte de Projetar em Arquitetura – 5 ed. – São Paulo: Gustavo Gili S. A, 1976.

TIRAPELI, Percival. Arte colonial: barroco e rococó. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006. (Coleção Arte Brasileira).

VENTURI, James Luiz. Estudo das Características Empreendedoras dos Proprietários de Restaurantes na Cidade de Itapema, Conforme a Abordagem de David McClalland. Universidade do Vale do Itajaí. Centro de Educação Superior de Balneário Camboriú. 2003. Capítulo 2: Fundamentação Teórica. Surgimento dos Restaurantes.

ZEVI, Bruno. Saber ver a arquitetura. 5. ed. Tradução Maria Isabel Gaspar, Gaëtan Martins de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

